

SELETA

PROJEÇÃO DO MOVIMENTO REPUBLICANO DE 1817

Francisco Muniz TAVARES

Um povo insurgido que ambiciona figurar como Nação soberana e independente, trata de ter reconhecido como tal pelas demais Nações já constituídas; o reconhecimento sancionando a insurreição presta consideração e força ao Governo, mas menos atrevidas as facções intestinas, e dá lugar a esperar auxílio e proteção contra a injusta agressão. Seja porém qual for o motivo da insurreição, o povo que a ela recorre, lisojear-se-á em vão de obter o desejado reconhecimento, se por esforços enérgicos e repetidos, não se mostra digno. As nações, como os indivíduos sensatos, não entram em especulações onde há risco de perda e nenhum lucro.

Pernambuco iludia-se quando, na combinação dos seus planos, contava com o apoio decisivo daqueles Governos que professavam máximas liberais, principalmente o dos Estados Unidos da América do Norte. O espírito desta nação é mercantil; os mercantes são avaros; o seu Governo é tanto livre quanto prudente; cordialmente saudará os oprimidos que esmagam os opressores, porque está certo que mais ganhará no comércio. Porém, durante a luta, se esta não é disputada com igual valor da parte dos oprimidos, seguirá o trilho das outras nações; o temor do comprometimento o tornará surdo, e nem auxílio algum oferecerá diretamente tendo muito menos liberdade do que os Monarcas absolutos na aplicação dos dinheiros públicos.

Por essa ilusão foi despachado imediatamente para os Estados Unidos um agente Diplomático na qualidade de Encarregado de Negócios; a escolha recaiu em Antônio Gonçalves da Cruz. Este Pernambucano tinha viajado na Europa e possuía considerável fortuna; a sua casa era o receptáculo

dos Brasileiros mais conspícuos atraídos pela sua afabilidade e maneira livre de pensar. Os Portugueses somente por esta razão o detestavam e como um dos maiores revolucionários o apontavam. Crescendo o ciúme e continuando a maledicência, ele, não prevenido um futuro menos doloroso, desejando subtrair-se em tempo à perseguição, havia vendido poucos dias antes da revolução todos os seus bens, requerido e obtido passaporte para Nova York, onde pretendia fixar-se. Apesar desta prudente conduta, o Governo deposto tinha ordenado a sua prisão.

Ora, em vez de partir como simples particular, partiu com o caráter público; acompanharam-no os votos dos seus concidadãos pelo bom êxito da missão. Além do objeto primário, de que tinha sido incumbido, isto é o reconhecimento formal da nova república, o Governo Provisório, em suas instruções, lhe prescrevia que empenhasse alguns oficiais franceses emigrados, a virem servir em Pernambuco, comprasse armamento e petrechos de guerra, de que muito se necessitava, e que fizesse quanto antes transportar tudo ao porto do Recife, ou a algum outro das províncias limítrofes no caso de bloqueio; e para que mais expeditamente efetuasse a comissão, deu-lhe trinta contos de réis.

Contemporaneamente embarcava para a Inglaterra um certo Kesner, negociante inglês estabelecido no Recife; era honesto o seu caráter, suas idéias ajustadas. Os membros do Governo Provisório o respeitavam e resolveram fazê-lo portador de despachos para Hipólito José da Costa, Brasileiro que há muitos anos residia em Londres, e que consagrava a sua vida ao melhoramento da espécie humana, iluminando-a com os seus escritos científicos. Domingos José Martins ali o conheceu e não deixava jamais de consultá-lo e participar-lhe o andamento do Brasil. Os Patriotas Governadores escreveram-lhe para que aceitasse o cargo que lhe ofereciam, de Ministro Plenipotenciário da república junto a Sua Majestade Britânica, e que, por consequência, advogasse a causa da insurreição e dispusesse a nação Inglesa e o seu Governo a favorecê-la.

Um fato inesperado pareceu lisonjear os Patriotas a esse respeito: Jean Lempriere, Cônsul da mesma nação inglesa em Pernambuco, veio espontaneamente cinco dias depois da revolução requerer ao Governo Provisório a faculdade de continuar no exercício de suas funções. A resposta foi-lhe comunicada nestes termos:

"O Governo Provisório vos participa que fica certo da genuidade dos títulos, que hoje lhe apresentastes em virtude dos quais servieis o emprego de Cônsul da Nação Britânica neste Estado, outrora Capitania, e vos anuncia que podeis continuar da mesma forma, e maneira com que o exercieis perante o extinto Governo, uma vez que tenhais o devido cumpra-se, para o que nos

remetereis os ditos títulos em officio vosso. Casa do Governo 11 de março de 1817. Senhor João Lempriere. Miguel Joaquim de Almeida e Castro".

Com igual prontidão o mencionado Cônsul solicitou e obteve o exigido **Cumpra-se**.

Um Cônsul devendo ocupar-se somente em promover e defender o comércio da sua Nação, em falta de Agente diplomático reclamar a proteção legal das pessoas e propriedades daqueles dos seus compatriotas que transitam ou residem no lugar onde ele é reconhecido; podia o Lampriere continuar a exerceresses deveres tacitamente, sem que daí resultasse vantagem ou desvantagem à causa patriótica. A sua pressa em requerer o exaquator de um título, que já possuía e que ninguém lhe disputava, sem esperar as ordens do seu Governo, foi inconsiderada. Requerer pressupõe faculdade de conceder; quemgoza desta faculdade ampla em matéria civil e política é livre e independente, atributos que com o ato apontado esse Cônsul parecia reconhecer no Governo Provisório.

O Embaixador português que então se achava em Londres mais reforçou as suas declamações contra a chamada voragem revolucionária e pediu ao Governo inglês pública satisfação da ofensa que dizia haver recebido seu Amo com o procedimento daquele empregado. O ministério de Lord Castelaigh facilmente prestava-se aos órgãos do despotismo. Demais, a revolução malogrou-se, a república desapareceu quando menos se esperava e o Lempriere foi demitido.

Outra comissão de importância foi ordenada naquele tempo. A Ilha de Fernando (de Noronha), bem que insignificante pela sua pequenez e aridez do seu solo, não deixou de merecer sempre a atenção do Governo português por ser um ponto que, possuído por Nação estrangeira poderia tornar-se perigoso à segurança do litoral do Brasil. Produzindo escassamente os gêneros de primeira necessidade, não convidou desde o principio da sua descoberta o estabelecimento de colonos; foi ao depois por ordem soberana vedado o ingresso ali ao sexo feminino, e exclusivamente ficou reservada para lugar de desterro dos delinquentes processados e daqueles que tinham a desgraça de incorrer no ódio dos Capitães-Generais de Pernambuco, os quais sobre ele extendiam a sua jurisdição. Nenhuma embarcação podia abordá-la; o temor da fuga dos degredados requeria esta severidade. Era fortificada e provida dos petrechos de guerra necessários para repelir um ataque imprevisto; a sua guarnição compunha-se de cem artilheiros com três officiais; o mais graduado, que de ordenário era o Capitão, tomava o comando geral temporário. Cada ano essa guarnição era rendida por um número igual de soldados enviados dos

regimentos de Pernambuco. A quantidade dos degredados variava; eles ocupavam-se na cultura da pouca terra.

Pela revolução ficava toda aquela gente exposta aos caprichos do ministério do Rio de Janeiro e também à fome se à seu respeito não se tomasse pronta resolução, pois que com a guarnição anual eram remetidos os alimentos correspondentes. A República necessitava de braços e nenhuns mais devotos seriam do que esses que iam ser salvos por um ato particular de zelo. Conseqüentemente dois grandes barcos foram aparelhados com a maior brevidade, que o tempo permitia, e o Capitão José de Barros Falcão teve ordem de embarcar em um deles e dirigir-se àquela Ilha onde, apenas abordasse, devia proclamar livre passagem a toda a guarnição e praças, transportar consigo quanto coubesse nas embarcações e o resto inutilizar imediatamente.

A precipitação havendo abatido de um golpe todos os sinais da realza, os quais abstratamente nada influem sobre a essência das coisas, era natural que outros característicos os substituíssem. A pretensão à Soberania demandava nova bandeira e novo laço nacional; assim foi decretado. Eram azul e branca as cores tanto do laço quanto da bandeira; esta dividida horizontalmente em duas partes iguais pelas duas mencionadas cores, continha no meio da parte branca uma Cruz vermelha, indicando ser o Brasil consagrado àquele precioso estigma da humana redenção, na outra parte aparecia recamado o Sol em todo o seu esplendor, como constantemente mostra-se na região equatorial, e rodeado de três estrelas, símbolo das províncias insurgidas.

Aprontadas as bandeiras necessárias, foi determinado o dia para a bênção e consignação aos respectivos regimentos. Era o dia 21 de março e foi o campo do Erário o lugar escolhido para a solenidade deste ato religioso-político. Ali, às 8 horas da manhã, achava-se já desfilada toda a tropa de primeira linha e milícias, com a música em frente, que por intervalos fazia-se ouvir; no centro do campo tinha sido erecto um decoroso altar, sobre o qual colocaram-se as bandeiras. O altar estava voltado ao Oriente; o Sol, refletindo sobre ele os seus luminosos raios, parecia ensinar aos circunstantes a recorrer ao verdadeiro Sol de Justiça, donde provém o único seguro auxilio. Ao pé do altar, com devota compostura, estava o Deão da Catedral revestido dos paramentos sagrados e assistido pelo Clero da Paróquia de Santo Antônio em sobrepeliz; ao lado do Evangelho compareciam os cinco membros do Governo Provisório com a Câmara do Recife; a multidão do povo ocupava o resto da superfície.

Recitadas as preces que o ritual romano prescreve para aquela cerimônia, o Deão alçou uma das bandeiras e dirigindo-se aos soldados falou-lhes deste modo:

"In hoc signo vinces. O nosso pai, que está nos céus, criou livres todos os homens; o espírito das trevas introduziu gás infernal na alma dos malvados; estes ligaram os braços dos seus irmãos, armaram-se de azorrague, e chamaram-se Príncipes absolutos. Desde então a criatura não pôde mais erguer as mãos ao Firmamento para suplicar o Criador, a sua face contristada abaixou-se à terra, chorou. O celerado demonstrou desde o princípio a reprovada sua origem, e abertamente mostrou que era filho de Satanaz; reunindo a hipocrisia à iniquidade ocultou debaixo de uma coroa a marca de Caim impressa sobre sua fronte, ungiu com o santo Crisma os seus cabelos, e disse: 'Eu venho da parte de Deus'. Blasfêmia! O senhor falou a Samuel: Esta será a razão do Rei: 'se apoderará dos vossos filhos e filhas, dos vossos campos, vossas lavouras' e acrescentou: 'um dia vós gritareis por causa do vosso rei, e eu não vos ouvirei porque o tendes eleito'. Os escravos voluntários pesam ao mundo e a Deus. Nós não elegeremos Príncipe, nós o combateremos, o perseguiremos até que entre no Inferno, donde o antigo inimigo do gênero humano o extraiu. Se as Províncias deste vasto continente vos abandonarem (o que o Onipotente não permita), será inteira a vossa glória; inteira a infâmia dos covardes, que vos abandonaram e quando nos inescrutáveis arcanos da Providência fosse decretado que sucumbissemos, será explêndido o nosso sepulcro, por que últimos cadernos, porque nós ousamos resistir.

In hoc signo vinces! Do alto gritou a voz a Constantino Imperador, e lhe foi mostrada a Cruz resplandecente nos Céus, como documento de vitória; in hoc signo vinces! exclamo eu também apresentando-vos este sacrossanto Estandarte e confiando-o nas vossas mãos; segui-o; ele vos conduzirá ao caminho da honra, da independência e da liberdade. Não vos excitarei a ser valorosos, vós já o sois, o mundo vos conhece; duas coisas somente vos recomendo: "disciplina" e "união". A disciplina é origem dos grandes feitos; a união é a fonte de todos os bens e o veículo exclusivo da força dos Estados".

Finalizando este discurso, que deixou a mais profunda impressão, ele entregou as bandeiras ao Governador das Armas, a qual conjuntamente com os outros membros do Governo por entre festivos vivas da multidão foi consignar uma a cada um dos chefes dos regimentos que ai se achavam; e estes, com os oficiais e soldados juraram não as abandonar jamais. Com facilidade quase todos juram, raramente um ou outro mantém o juramento; os vínculos sagrados se despedaçam com imprudência, calamidade de todas as idades, que devendo excitar as lágrimas, move o riso.

